

“TODOS JUNTOS, VAMOS”: A SUPERAÇÃO DO “VERDEAMARELISMO” DA DITADURA MILITAR NA CONQUISTA DO MUNDIAL DE FUTEBOL DE 2002

José Carlos Marques

Doutor – Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

Muitas vezes acusado de promover o alheamento político, o esporte é constantemente incluído como um dos responsáveis por desviar a atenção dos cidadãos diante da realidade social. Para reforçar o caráter alienante do futebol no Brasil, a filósofa Marilena Chauí denominou de “verdeamarelismo” a apropriação do uso da bandeira nacional nas comemorações do Tricampeonato da Seleção Canarinho na Copa de 1970, no México, como uma imposição do regime militar que se instalou em 1964 em Brasília. Esta comunicação procura discutir como a noção do “verdeamarelismo” assumiu outras características nas comemorações do Mundial de 2002, vencido igualmente pela Seleção Brasileira.

ABSTRACT

Many times accused to promote the transference politician, the sport is constantly enclosed as one of the responsible for deviate the attention of the citizens of the social reality. To reinforce the soccer alienator character, the philosopher Marilena Chauí called “verdeamarelismo” the appropriation of the national flag in the commemorations of Brazilian Team in the Mexico World Cup (1970), as an imposition of the military regimen installed in 1964. This communication looks for to argue as the notion of the “verdeamarelismo” assumed other characteristics in the commemorations of the Asian World Cup (2002), conquered equally for the Brazilian Team.

RESUMEN

Muchas veces acusado de promover la enajenación política, el deporte se incluye constantemente como uno de los responsables de desviar la atención de los ciudadanos de la realidad social. Para reforzar el carácter alucinante del fútbol, la filósofa Marilena Chauí llamó “verdeamarelismo” la apropiación de la bandera nacional en las conmemoraciones del equipo brasileño en el Mundial de México (1970), como imposición del régimen militar que fue instalado desde 1964 en Brasilia. Esta comunicación busca discutir cómo la noción del “verdeamarelismo” asumió otras características en las conmemoraciones del Mundial de Asia (2002), que fue conquistado igualmente por el equipo brasileño.

A festividade e a euforia da torcida brasileira diante das conquistas da seleção de futebol são históricas. Do mesmo modo, o triunfo na Copa do Mundo de futebol em 2002 pôs em causa mais uma vez a atitude dos escritores e jornalistas que acabam aderindo ou rejeitando discursos próprios do torcedor – esse personagem que também ganha contornos especiais durante esse evento. Vejamos como exemplo o seguinte texto do jornalista Arthur Dapieve, publicado após a vitória brasileira sobre a Alemanha na decisão do Mundial do Japão/Coréia do Sul:

*Cinco vezes campeões do mundo. Mesmo os brasileiros que nunca sentiram a alegria infantil de “bater uma bolinha”, essa alegria que os melhores momentos da seleção na Ásia transmitiram para bilhões, como no segundo gol na Alemanha, até eles sentem-se, com razão, tão importantes quanto o capitão Cafu. O futebol do Brasil justifica nossa existência coletiva. Ele, aliás, continua estimulando os pobres do planeta, ao mostrar que o bem-nutrido Kahn pode sair catando cavaco diante de Ronaldo, Rivaldo e Kleberson. (Fico comovido ao pensar nas tradicionais comemorações em Bangladesh e no Haiti.)*¹

Além de celebrar a conquista brasileira e projetá-la para todo o mundo que se inclui no paradigma do que se convencionou chamar de “Terceiro Mundo” (“Fico comovido ao pensar nas tradicionais comemorações em Bangladesh e no Haiti”), o jornalista reproduz aqui o sentimento de superioridade que o brasileiro sempre há de sentir no futebol, por jogar melhor e conquistar mais títulos do que os outros (“O futebol do Brasil justifica nossa existência coletiva. Ele, aliás, continua estimulando os pobres do planeta, ao mostrar que o bem-nutrido Kahn pode sair catando cavaco diante de Ronaldo, Rivaldo e Kleberson”). Além disso, o sentimento de “vitória coletiva” proposto pelo cronista ao referir-se à “vitória brasileira” subentende sempre um recurso metonímico, no qual se tem a idéia de que foi “a representação brasileira de futebol profissional” que venceu uma congênere de outro país, e assim por diante².

Os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann (1973) estendem ainda a idéia de espaço mítico que se pode aplicar ao esporte, ao definirem como “campos finitos de significação” os momentos e espaços que provocam um distanciamento do homem de sua realidade cotidiana. Assim, as alternâncias entre os dois mundos (o da realidade e o da irreidade) são radicais e transformam profundamente a tensão da consciência:

Comparadas à realidade da vida cotidiana, as outras realidades aparecem como campos finitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante marcada por significados e modos de experiência delimitados. (...) Todos os campos finitos de significação caracterizam-se por desviar a atenção da realidade da vida contemporânea. (...) A experiência estética e religiosa é rica em produzir transições desta espécie, na medida em que a arte e a religião são produtores endêmicos de campos de significação. (BERGER & LUCKMANN, 1973: 43)

Em 1998, em crônica publicada no mesmo dia em que o Brasil decidiu a Copa com a França, Chico Buarque reporta-se a esses mesmos fenômenos de “desvio da atenção da realidade” e de criação de “campos finitos de significação” ao ilustrar a glória efêmera (porém, autêntica) que o Brasil poderia experimentar por força de uma simples partida de futebol:

Segunda-feira, seja quem for o campeão do mundo, as mulheres acordarão meio enjoadas. Terça-feira, nos bares, os franceses dirão "uff" e "bof". E o Brasil? Na quarta-feira, querida, o Brasil desaparecerá do mapa-múndi, e

¹ Arthur Dapieve, *O Globo*, 01/07/02.

² Essa distinção aparece bem explorada em crônica assinada pelo jornalista Vargas Netto (sobrinho do presidente Getúlio Vargas) no *Jornal dos Sports*, em 15/06/54, e intitulada “Lugar certo”: “O empate do Brasil, isto é, da representação brasileira de futebol profissional, com a equipe suíça, foi, psicologicamente, muito convincente”.

*durante quatro anos quedará submerso, para ressurgir glorioso na copa do Japão. Não é um país sério, teria dito o general francês. Houve desmentidos, houve indignação, não sei por que. O Brasil talvez seja isso mesmo, um país que impõe respeito, quando brinca.*³

Talvez seja por esse “desviar a atenção da realidade” que o esporte carregue a idéia de alienação proposta por Umberto Eco (1984). Caminhando nessa mesma direção, Marilena Chauí denuncia o que ela chama de “verdeamarelismo”, a partir da idéia de que o uso da bandeira brasileira foi uma imposição do regime militar que se instalou a partir de 1964 em Brasília:

Nas comemorações de 1958 e de 1970, a população saiu às ruas vestida de verde-e-amarelo ou carregando objetos verdes e amarelos. Ainda que, desde 1958, soubéssemos que “verde, amarelo, cor de anil / são as cores do Brasil”, os que participaram da primeira festa levavam as cores nacionais, mas não levavam a bandeira nacional. A festa era popular. A bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica. (CHAUÍ, 2000: 32)

Desse modo, segundo Chauí, o “verdeamarelismo” teria sido elaborado no curso dos anos pela classe dominante brasileira, como imagem celebrativa de um “país essencialmente agrário”. A construção desse conceito coincidiria assim com o momento em que o “princípio da nacionalidade” era definido pela extensão do território e pela densidade demográfica. Não espanta, assim, que o futebol e a televisão tenham sido utilizados de maneira tão acentuada pelo governo militar durante a Copa de 1970. O próprio Presidente da República do período, o general Emílio Garrastazu Médici, simbolizava a figura do torcedor n.º 1, e o desejo de unificação nacional – tão ao gosto dos militares da época – encontrava no time estrelado por Pelé, Tostão, Gerson, Rivelino e Jairzinho a locomotiva necessária para o funcionamento dessa engrenagem⁴. Como nos diz o antropólogo Gilberto Vasconcelos,

*A unificação do país, por meio da TV, foi empreendida inicialmente pelo futebol; em seguida, veio a voga da telenovela (...) Moral da história: o futebol tem sido o veículo por excelência da expansão da videoesfera no Brasil. Futebol e TV são xifópagos.*⁵

Entretanto, a festa “verde e amarela” acusada por Chauí advém ainda pelo fato de a equipe brasileira ter conquistado o título de 1970 por meio de uma campanha brilhante (seis partidas e seis vitórias) e ainda ostentar jogadores que encantaram o mundo com sua habilidade técnica. A vitória da seleção, a chamada conquista do Tricampeonato (1958-1962-1970), estava impregnada ainda do sentido mítico da posse definitiva da Taça Jules Rimet, já que pela primeira vez um país ganhava a Copa do Mundo por três vezes e, por-

³ Chico Buarque, *O Globo*, 12/07/98.

⁴ Até mesmo a canção composta por Miguel Gustavo em homenagem à Seleção que disputava o Mundial no México transbordava de tons ufanistas e clamava pela unificação do país, utilizando imagens e frases que, não à toa, acabariam se transformando em slogans do regime militar: *Noventa milhões em ação / Pra frente, Brasil, / Do meu coração / Todos juntos, vamos / Pra frente Brasil / Salve a Seleção / De repente é aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão / Todos ligados na mesma emoção / Tudo é um só coração / Todos juntos, vamos / Pra frente, Brasil, Brasil / Salve a seleção!*

⁵ “O boteco, a Copa, a TV e a ausência do silêncio”, *Folha de S. Paulo*, 25/07/98, p. 4-10.

tanto, construía-se o sentido de um discurso fundador próprio das narrativas míticas. Cabe aqui a citação de Mircea Eliade, cuja definição nos ajuda a entender o significado do troféu levantado por um jogador brasileiro em 21 de junho de 1970 (data da final da Copa do México) e que se refletiu com outros contornos no gesto do capitão Cafu em 2002:

O mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. (...) É sempre, portanto, a narração de uma 'criação': descreve-se como uma coisa foi produzida, quando começou a existir. O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente. (ELIADE, 1989: 12-13).

A conquista da Taça Jules Rimet simbolizou assim, arquetipicamente, a busca pelo Santo Graal, intensificando o valor primeiro e pioneiro da vitória brasileira. Era inevitável, portanto, que o governo militar tentasse capitalizar os efeitos do resultado da Copa juntamente com a euforia popular que se viu durante e depois da competição. Dessa maneira, a forte oposição ao regime, naqueles anos, projetava no futebol o mesmo sentimento de rejeição, como forma de compensar os efeitos da censura prévia instituída nos meios de comunicação, acirrados com a guerrilha urbana que contaminava o cotidiano das grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. O verdeamarelismo combatido por Chauí insere-se bem sob essa perspectiva. Entretanto, “doía tanto torcer contra o Brasil, tamanha a solidão de exilado que se sentia, que, se a Seleção afinal perdesse, ninguém iria para casa feliz” (TAVARES DE ALMEIDA & WEIS, 1989: 322). Daí a idéia de que 1970 representava a “Copa da ambigüidade”, conforme atestou Luis Fernando Veríssimo. Em 2002, a ambigüidade de que nos fala Veríssimo pôde ser lembrada por força das comemorações com as vitórias do Brasil. Artur Xexéo, por exemplo, lembra-se de uma comemoração vivenciada em 1970, quando o Brasil venceu a Inglaterra e reinscreve a idéia do “verdeamarelismo” sob outra ótica:

Havia uma turma que não aprovava tanta celebração. Era pleno governo Médici. Torturava-se nos porões da ditadura, como se dizia na época. O correto era torcer contra o Brasil. A Copa do Mundo só servia para alienar o povo. Confesso que eu também pensava um pouco assim. Mas não resisti ao gol de Jairzinho e, depois daquele Brasil e Inglaterra, capitulei e fui para as ruas. (...)

Sozinho na varanda de um quarto de hotel em Kakegawa, penso nos dois Brasil e Inglaterra das Copas da minha vida. Aqui em Kakegawa ninguém comemora nas ruas. A pessoa querida está longe e não posso abraçá-la para gritar “Brasil, Brasil”. Morro de saudades. A paródia levemente pornográfica de 1970 não me sai da cabeça. Que se danem os quartos vizinhos. Esperei 32 anos para cantar a música do Chacrinha outra vez e vou cantar:

“Ó Teresinha, ó Teresinha / a seleção botou na da rainha.”⁶

É preciso dizer, porém, que o esporte soube superar essa apropriação indébita das cores e símbolos nacionais, reapropriando-se da mesma bandeira para comemorar as vitórias em momentos de luta democrática (o atleta Joaquim Cruz, medalha de ouro na Olimpíada de 1984, em Los Angeles, e o piloto de F1 Ayrton Senna, desde o final da década de 1980 e começo da de 1990, reinstituíram o uso da bandeira brasileira nas comemorações esportivas).⁷ O futebol, nesse contexto, seria uma expressão que superaria o mero aspecto

⁶ Artur Xexéo, *O Globo*, 22/06/02.

⁷ Nas manifestações dos “cara-pintadas” em prol do impeachment do presidente Collor, em 1992, o verde-amarelo também voltou ao plano político, desta vez como forma de contestação e de superação da classe

alienante, já que teria o poder de condensar significados próprios das sociedades que o praticam, como supõe o crítico José Miguel Wisnik:

*O futebol é linguagem encarnada através da qual os povos, como clãs totêmicos em situações rituais, no caso de competições mundiais, emitem e confrontam suas mensagens de maneira não-verbal.*⁸

De todo modo, os principais jornais do país (juntamente com o rádio e a TV) sempre operaram de maneira ostensiva na construção da “unidade nacional” em torno da seleção brasileira. Nota-se, assim, que até grande parte do público feminino, normalmente indiferente às competições futebolísticas ordinárias, surge nas épocas de Copas do Mundo, compondo um contingente de torcedores que aparece de “quatro em quatro” anos para celebrar as “vitórias do Brasil”.

Talvez seja exagero verificar nos textos dos cronistas que trabalham em épocas de Copa do Mundo a reafirmação do discurso da classe dominante brasileira do regime militar, que insistia em celebrar um país essencialmente agrário. Pode-se vincular com mais propriedade a preocupação desses profissionais à necessidade de afirmação do espírito brasileiro ligado à festa e ao aspecto lúdico da disputa, numa recuperação do modo poético de se jogar futebol, conforme relembra o mesmo Wisnik ao citar um conceito estabelecido pelo cineasta italiano Pier Paolo Pasolini:

*Não muito tempo depois da Copa de 70 Pasolini escreveu um artigo no qual interpretava o futebol por meio da literatura: um "discurso" dramático, que podia ser jogado em prosa realista, como a dos alemães e ingleses, em prosa algo estetizante, como a dos próprios italianos, e em poesia, como a dos brasileiros. Futebol em prosa significava, para ele, jogo coletivamente articulado, buscando o resultado por meio de uma sucessão linear e determinada de passes triangulados e geométricos. Futebol poético suporia dribles e toques de efeito, gratuitos e eficazes, quando capazes de criar espaços inesperados. Tudo convergindo para o delírio do gol, onde, afinal, prosa e poesia se encontram.*⁹

Na Copa dos Estados Unidos, por exemplo, João Ubaldo Ribeiro e Nelson Motta dão testemunho dessa valorização da paixão brasileira pelo futebol, cujas festividades repletas de “verdeamarelismo” teriam o poder de contagiar o olhar estrangeiro:

*E o público americano está recebendo uma lição inesperada. Nós, alienígenas, sabemos festejar, sabemos nos comportar, não precisamos dessa segurança toda que eles montaram, e o futebol é um esporte democrático em que até anão pode jogar numa boa.*¹⁰

*O melhor programa para popularizar o futebol entre os americanos seria mandar milhares deles para ver a Copa no Brasil, grudados na TV, no meio do povo, nas cidades desertas: se apaixonariam pelo futebol – e pelo Brasil – perdidamente.*¹¹

dominante. Hoje, a bandeira e o verde-amarelo acompanham qualquer comemoração esportiva, em qualquer país, como forma de afirmação de uma brasilidade que se insere no processo de afirmação das nacionalidades, advindo com a nova ordem política do final do século XX.

⁸ José Miguel Wisnik, “O Brasil tem algo importante a dizer”, *Jornal da Tarde*, 27/05/95, p. 8.

⁹ José Miguel Wisnik, “Procura da poesia”, *Folha*, 07/07/98.

¹⁰ João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 11/06/94.

¹¹ Nelson Motta, *O Globo*, 20/06/94.

A adesão do cronista à figura do torcedor é de tal grandeza que seu discurso não se distingue muito da conversa de botequim entre dois amigos, que, entre copos de cerveja e alguns petiscos, preparam-se para assistir a uma partida decisiva. Vejamos o exemplo de João Ubaldo:

*Sei que estou na companhia de centenas de milhares de cinquentões brasileiros, que viveram histórias semelhantes à minha. Sabemos que da vida não se leva nada, que tudo o que nos aconteceu dava um samba-canção ordinário, mas também sabemos o gosto de uma final de Copa. Coroas do Brasil, univos! Nós vimos como é, nós já choramos, já festejamos, eis aqui outra final, de presente para nós. Não garanto nada e sei que Algo é muitas vezes mentiroso, mas Algo me diz que hoje nós vamos ganhar.*¹²

Por meio dos mecanismos de aproximação com o leitor, o cronista declara todo o sofrimento que antecede o jogo final e ainda substitui a “Divindade Suprema” pelo pronome “algo”, que aparece com a inicial em maiúscula para substituir (e ao mesmo tempo evocar) o nome de Deus. Ainda em 1994, pode-se buscar outros exemplos de como os cronistas valorizam a importância do triunfo esportivo como forma de “catarse coletiva” de um povo sofrido e carente, ilustrada no texto de Nelson Motta:

*Se poderia até dizer que foi uma vitória com sabor de empate, mas a Justiça Divina se fez – talvez menos pelo time que jogou hoje e muito mais pelo povo brasileiro que sofre e espera e precisa e merece ser campeão de alguma coisa.*¹³

Já Luis Fernando Verissimo, em seu diálogo imaginário com o *lap top* que o acompanhou ao longo do torneio nos Estados Unidos, cede aos apelos da máquina, que se humaniza diante do triunfo brasileiro e rejeita qualquer tipo de análise fria e racional por parte do cronista:

*– Chega de tese! Bota aí “Viva o Brasil”, me guarda na maletinha e vamos para casa.
Viva o Brasil.*¹⁴

Em 2002, os cronistas também não escaparam à adesão da festividade popular e deixaram-se contagiar pela superioridade brasileira diante dos adversários. A exceção mais flagrante a essas celebrações exacerbadas ficou por conta do jornalista Daniel Piza, que também em sua coluna dominical publicada até os dias de hoje em *O Estado de S. Paulo* mantém uma seção intitulada “Por que não me ufano”:

*Para o bem do futebol, e sem nenhum traço de ufanismo (do qual sou insuspeito mesmo), espero que o Brasil vença esta Copa. Foi a única seleção que mostrou algum brilho e alguma consistência, pois as outras ou não mostraram nada disso ou mostraram apenas um dos dois atributos.*¹⁵

¹² João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 17/07/94.

¹³ Nelson Motta, *O Globo*, 18/07/94.

¹⁴ Luis Fernando Verissimo, *JB*, 19/07/94.

¹⁵ Daniel Piza, *Estado*, 26/06/02.

O mesmo Daniel Piza, diante desse universo repleto de simbolismos, procura propor um equilíbrio entre a tão decantada habilidade do jogador brasileiro e o sentido de aplicação tática que o senso comum quase sempre rejeita, não só no esporte como em outras manifestações cotidianas:

*Acho que os esportes em geral, o futebol em particular, fazem parte do mundo dos signos, das representações, das projeções do ser humano. O futebol não é "arte" no sentido de que produza em si mesmo uma reflexão sobre a natureza humana, mas tem muito a dizer sobre ela, não só pela atenção que atrai, mas também por suas características intrínsecas -- a fronteira ambígua entre erro e acerto, a riqueza de variáveis, a simples beleza plástica de um lance. Quanto ao Brasil, acho interessante que ele valorize diante do mundo o tal futebol-arte, criativo, imprevisível, ousado. E acho mais interessante ainda quando ele consegue provar que esses atributos são perfeitamente compatíveis com as exigências táticas e físicas do próprio esporte, ora ainda maiores. Ou seja, o futebol pode ser uma lente de aumento muito interessante para as principais questões culturais do Brasil. Pode mostrar que intuição e organização podem e devem coexistir.*¹⁶

Na maior parte dos cronistas, porém, predomina a afirmação da brasilidade e a exaltação do triunfo nacional. Exemplos disso podem ser lidos nos trechos de Artur Xexéo e Luis Fernando Verissimo:

*Brasil pentacampeão. Imagino como está sendo a comemoração por aí. Há muito tempo não participo de uma comemoração de Copa do Mundo. Quando a seleção... duvido que outro país chame seu time assim: "a" seleção. Só isso. Não é a seleção brasileira, não é a nossa seleção, não é a seleção do Brasil. É "a" seleção. Se é "a" seleção, só pode ser a brasileira, ora. (...) Aquele gesto de erguer a taça ao povo simboliza o orgulho de ser brasileiro. Há muitos motivos para termos orgulho de ser brasileiro. O resto do mundo não percebe quase nenhum. Mas um motivo os outros países não podem ignorar: nós somos os melhores no futebol. Assim como a gente respeita a Suíça quando o assunto é relógio, respeita a França quando o assunto é vinho, respeita os Estados Unidos quando o assunto é guerra, todo o planeta nos respeita quando o assunto é futebol. Só quem acompanhou de perto uma Copa sabe que, nesta hora, o Brasil, é Primeiro Mundo.*¹⁷

Você perguntará o que é pior em termos de desamparo, terror, incerteza sobre o que vai acontecer e sensação de catástrofe iminente: final de Copa do Mundo com o Brasil ou terremoto? Já tenho experiência suficiente para responder. Final de Copa é pior. (...)

*O Xexéo e eu voltávamos para Tóquio depois do jogo e tínhamos dúvidas sobre que trem pegar. Um garoto japonês se ofereceu para ajudar. Quando soube de onde éramos, começou a cantar o hino do Brasil. O Xexéo e eu maravilhados. O Brasil realmente conquistara a torcida japonesa. Os japoneses compartilhavam o nosso orgulho por aquele triunfo mais do que imaginávamos! Depois de algumas estrofes do "Ouviramdo" o garoto disse que sabia o hino nacional de 80 países. Se fôssemos alemães teria feito o mesmo. Mas nada nos desiludiria naquele momento. Estávamos cansados e com sono, mas estávamos, acima de tudo, penta.*¹⁸

¹⁶ Daniel Piza, em entrevista concedida por e-mail em 29/01/03.

¹⁷ Artur Xexéo, *O Globo*, 01/07/02.

¹⁸ Luis Fernando Verissimo, *O Globo*, 01/07/02.

O escritor Milton Hatoum superlativiza também o triunfo brasileiro, ao mesmo tempo em que o contrapõe, de maneira original, a uma ausência que não se dá no plano esportivo, mas sim no plano literário:

*Dizem que a Alemanha pode vangloriar-se por ter feito três boas traduções dos textos árabes de "As Mil e Uma Noites". Nós, que infelizmente não temos nenhuma tradução do original, nos contentamos com outras magias. Foram os gênios brasileiros que, em carne e osso, saíram da garrafa na última noite da Copa no Oriente.*¹⁹

A citação aos textos árabes de *As mil e uma noites* recoloca o futebol em outra esfera simbólica: a da ficção proporcionada pelo jogo da bola (“nos contentamos com outras magias”). É o que permite ao mesmo Hatoum enxergar no futebol brasileiro uma possibilidade de redenção das desigualdades sociais que o “verdeamarelismo” oficial dos anos 70 obliterava:

*O futebol é um dos pilares da nossa sabedoria popular. Ele depende do enorme talento individual, mas também do conjunto, da equipe, do entrosamento, da técnica, etc. Penso que o futebol, assim como o carnaval e a música popular, é cultura presente em toda a nação, pois junta todas as classes sociais diante de um espetáculo. É o maior elemento agregador da nossa sociedade. É curioso, porque historicamente é um esporte europeu, e nossa superioridade, além de ser latente, é aceita. Quer dizer, o Brasil aprendeu um esporte que nasceu no maior Império do século 19, e poucas décadas depois, nós o superamos. É um caso raro de ex-escravo que se torna Senhor, sem que este escravize ninguém. Se os milhões de pobres e excluídos desse País pudessem praticar esportes com dignidade, já seria um passo para o futuro.*²⁰

Já a crônica de José Roberto Torero publicada no dia seguinte ao da conquista brasileira da Copa de 2002 retoma e idealiza tanto o aspecto lúdico como o “verdeamarelismo” que caracterizaram a festa dos jogadores brasileiros no Japão, logo após o final da partida contra a Alemanha:

Penta leitor, penta leitora, eu vos pergunto: qual o melhor momento desta conquista? E eu vos respondo: para mim, o melhor momento foi a comemoração. Ali, depois de ter vencido o principal evento esportivo do planeta, depois de ter superado o país mais poderoso da Europa, o Brasil mostrou um pouco de sua alma, um pouco do que faz dele um país tão especial.

Edílson vestindo uma saia improvisada, Edmilson com sua camisa evangélica, Vampeta de camiseta toda rabiscada, Roque Júnior de boné, os jogadores usando a bandeira como capa, aquela esculhambação toda foi um retrato de um país que tem seu próprio jeito de ser.

Aquela festa sem modos, sem respeito a protocolo, funcionou como uma terapia coletiva. Quem tinha algum complexo de inferioridade em relação ao resto do mundo, pode esquecer.

E não paramos por aí. Nosso capitão não se contentou em ficar atrás do púlpito. Montou sobre ele como se fosse um caixote de feira e ali, acima de Pelé, Blatter, Beckenbauer e Teixeira, levantou a taça. A-

¹⁹ Milton Hatoum, *Folha*, 03/07/02.

²⁰ Milton Hatoum, em entrevista por e-mail, em 01/03/03.

quele improviso foi a cara da seleção, que venceu graças à invenção, ao talento, ao inusitado.

E talvez a síntese disso tudo seja o que Cafu escreveu em sua camisa: "100% Jardim Irene", que é o nome do humilde bairro da zona sul de São Paulo em que ele nasceu. Enfim, hoje a capital do mundo não é Paris, nem Londres, nem Berlim, nem Jerusalém, nem Meca, nem Tóquio. É o Jardim Irene.²¹

A valorização da festa brasileira que o cronista faz em seu texto recoloca em primeiro plano todo um sistema de artificialização e carnavalização próprios da cultura brasileira impregnada no futebol. Todas as ações descritas por Torero agem no sentido de destruir as normas protocolares de comemoração instituídas pelos organizadores do evento – daí o aparecimento de tantos elementos de quebra das linearidades: “saia improvisada”, “camiseta toda rabiscada”, “esculhambação toda”, “festa sem modos”, “caixote de feira”, “improvisos” etc. A festividade erótica de choques e simbioses representa bem nossa realidade cultural, caracterizada pela combinação de influências diversas e múltiplas de que o barroco é grande exemplo. É o que se vê também no seguinte trecho de Luis Fernando Veríssimo, ao especular sobre as profecias dos vencedores:

Os dias que precedem a Copa pertencem aos profetas do óbvio e aos analistas do que ainda não houve. São os que nos dizem o que esperar da competição, com lógica irresponsável. Um resultado como Senegal 1 e França, incrivelmente, zero, acaba com esse domínio do óbvio, da análise inteligente do nada e da lógica logo no primeiro jogo. Projeta a Copa desde o início para o empolgante mundo do seja o que Deus quiser, onde tudo pode acontecer, principalmente o imprevisível, e nos livra da tirania dos prognósticos razoáveis.²²

O excesso de adjetivos e de termos valorativos no texto (irresponsável, incrivelmente, inteligente, empolgante) instaura o discurso também numa lógica do desperdício e do imprevisível. Assim, supera-se a economia das frases que só apresentam substantivos lineares – da mesma forma que o cronista quer superar as previsões tolas que os “entendidos” sempre cometem antes das partidas. Essas previsões, obviamente, são continuamente derubadas pelo caráter imprevisível e imagético do futebol, algo que os cronistas sempre procuram recuperar ou demolir em suas análises. Vejamos os exemplos de Dapieve e Piza:

Uma última coisa sobre Inglaterra e Dinamarca. Logo antes do terceiro gol, de Heskey, informou-se a porcentagem de posse de bola: os dinamarqueses tinham 61% e os ingleses, 39%. Serve como bilionésima demonstração cabal de que, ao contrário de tantos esportes, o futebol pouco tem de estatístico ou probabilístico. Assim, manter a bola não significa necessariamente criar chances de gol e impedir o adversário de criá-las. É por isso que o futebol é o mais apaixonante dos esportes, o mais próximo da vida, em imprevisibilidade, amoralidade e beleza. No seu tempo, Nelson Rodrigues dizia que o videoteipe era burro. Hoje, podemos dizer que a estatística é cega. Não enxerga o jogo.²³

Se técnica fosse somente dar dribles cheios de jogo de cintura, como os de um Denílson, o futebol seria bem menos interessante. Pois o que o faz interessante é a variedade de recursos. Cabeceios e cobranças de falta também e-

²¹ José Roberto Torero, *Folha*, 01/07/02.

²² Luis Fernando Veríssimo, *Estado*, 02/06/02.

²³ Arthur Dapieve, *O Globo*, 17/06/02.

*xigem muita técnica, exibida ontem pelos alemães. Eles também sabem dominar muito bem a bola e esperar o momento certo de servir ao companheiro.*²⁴

Enquanto Dapieve faz a defesa da passionalidade do esporte (em detrimento das estatísticas e da tirania da objetividade burra, como anunciava Nelson Rodrigues), Piza realiza uma espécie de contra-discurso, ao formular conceitos que se opõem ao que se costuma ler no imaginário esportivo nacional. O elogio a fundamentos como cabeceios e cobranças de falta demonstrados pelos alemães choca-se com a pura valorização do drible e da fantasia, perpetrada tradicionalmente nas páginas dos diários brasileiros, como vimos com maior ênfase no discurso dos cronistas da Copa de 1994. De todo modo, a obtenção do título em 2002 representou, no plano simbólico, a superação do trauma da Copa de 1998. Além disso, significou a reafirmação do Brasil como o país que permanece no patamar de ouro do futebol internacional. Numa terra em que esse esporte tem relações de múltiplos significados para a auto-estima da população, entende-se mais facilmente a importância de uma conquista desse tipo, ainda que efêmera, ainda que isolada no tempo e no espaço do jogo, dentro de um “campo de significação finito” e bem determinado.

Os cronistas brasileiros, a testemunhar esse processo de construção simbólica proporcionada pelas Copas do Mundo, criam igualmente outro “campo finito de significação”, com a vantagem de alongarem ao extremo a finitude do próprio jogo. É como se o espetáculo esportivo se tornasse mais belo e mais rico a nossos olhos por força de outra construção simbólica em páginas tão efêmeras quanto as comemorações esportivas, superando a noção de manipulação do povo proposta pelo conceito de “verdeamarelismo” de Marilena Chauí. São essas páginas, traduzidas nas palavras e imagens da crônica, que nos trazem o futebol para o rés-do-chão e nos permitem saborear essa magia que, de quatro em quatro anos, vem contentando milhares de leitores e torcedores em todo o mundo há tantos anos.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 1973.

CHAUÍ, Marilena. “A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo” em *Almanaque 11: educação ou desconversa*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

_____. “O verdeamarelismo” em *Brasil – mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. *et alii. Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa, Ed. 70, 1989.

²⁴ Daniel Piza, *Estado*, 02/06/02.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*. Niterói, Eduff, 1998.

TAVARES DE ALMEIDA, Maria Hermínia & WEIS, Luiz. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média sob o regime militar”. In: Schwarcz, Lilia (ed.). *História da vida privada no Brasil*, vol. IV, Cia das Letras, São Paulo, 1998.

Prof. Dr. José Carlos Marques

Rua Piauí, 143 – 2º Andar

01241-001 – São Paulo – SP

zeca.marques@mackenzie.com.br